

ESTRUTURAS CONCEITUAIS E IDEOLOGIAS

O propósito deste artigo é proceder a uma revisão da literatura relevante relacionada com o uso da Ciência e da Teoria Evolucionista como base para o desenvolvimento de uma concepção pessoal de mundo.



**Steve W.
Deckard**

Doutor em Educação, formado pela Escola de Pós-graduação do *Institute for Creation Research*

TERIA A CIÊNCIA CAPACIDADE PARA FORMAR UMA MODERNA CONCEPÇÃO DE MUNDO?

Resumo

O desenvolvimento de uma concepção pessoal de mundo, útil e coerente, constitui parte importante do crescimento intelectual e espiritual. É importante também que as pessoas sejam capazes de discernir as concepções de mundo dos outros. Destaca-se que a formação de uma moderna concepção de mundo requer mais do que a compreensão da Ciência e da Teoria da Evolução. Devido ao fato de que a formação de uma concepção de mundo tem a ver com a questão da verdade, somente uma concepção baseada no Criacionismo será frutífera. A Ciência em si e por si é incapaz de criar uma concepção de mundo útil, devido à sua natureza subjetiva.

Introdução

“Estou convencido de que, para uma pessoa ser plenamente consciente intelectualmente, ela deveria não somente ser capaz de compreender as concepções de mundo dos outros, mas também estar bem consciente da sua própria concepção, por ser ela a sua própria, e por ter sido aceita como verdadeira à luz de tantas outras opções.” (James Sire, 1976).

Ao longo de toda a história moderna, os seres humanos têm tentado responder perguntas e obter conhecimento sobre o seu mundo, de uma grande variedade de

maneiras. Experiência, autoridade, raciocínio indutivo, o método científico, e a revelação divina constituem métodos que têm sido usados historicamente para a descoberta de conhecimentos. Muitos têm usado uma abordagem eclética ao combinarem duas ou mais dessas maneiras de obter conhecimento. Alguns têm-se mantido agarrados inflexivelmente a um só desses métodos – o conhecimento científico – para descobrir conhecimentos. Essas maneiras são usadas pelas pessoas com o propósito de obter uma base de conhecimentos sobre a qual será construída a sua concepção de mundo.

O Propósito da Formação de uma Concepção de Mundo

Defendo a tese de que a formação de uma moderna concepção de mundo necessita mais do que somente conhecimento e compreensão do método científico (a Ciência em geral) para atingir a verdade. Creio que uma fonte de conhecimento externa à Ciência deva ser considerada para a formação de uma concepção abrangente de mundo. Mais especificamente, ressalto o pressuposto básico de que somente uma moldura “criacionista cristã” levará à formação de uma concepção de mundo verdadeira, e portanto frutífera.

A preocupação principal com relação à formação de uma concepção de mundo deveria ser a questão da verdade. O que vem a ser a verdade absoluta, e como ela se traduz na formação de uma concepção de mundo? A própria Ciência não procura responder essa pergunta. De conformidade com Donald Ary (1990), a Ciência “procura não a verdade absoluta, mas sim teorias que expliquem e predigam fenômenos de uma forma confiável.”

Portanto, a formação de uma concepção de mundo deve incluir em seu âmbito a ideia de buscar a verdade. Este deveria ser o propósito superior na formação de uma concepção de mundo. Se a busca da verdade não constituir o superior propósito de uma pessoa, todo o seu exercício para a formação de uma concepção de mundo torna-se uma tolice. Tudo que poderá ser realizado resume-se

à compilação de uma infindável cadeia de conhecimentos arrumada em uma matriz de ideias desconexas.

A Ciência e a Formação da Concepção de Mundo

Em termos de Ciência e concepção de mundo existem duas alternativas. Watson deixa isso claro ao dizer que:

... A Teoria da Evolução é universalmente aceita, não porque possa ser comprovada como verdadeira mediante evidências logicamente coerentes, mas porque a única alternativa – a criação especial – é claramente não digna de crédito.” (Watson, 1929, p. 233).

Douglas Futuyma apresenta um ponto de vista semelhante:

“A criação e a evolução, em seu conjunto, exaurem as possíveis explicações para a origem dos seres vivos. Ou os organismos surgiram sobre a Terra plenamente desenvolvidos, ou não. No caso negativo, eles devem ter-se desenvolvido a partir de espécies pre-existentes, mediante algum processo de modificação. Se realmente surgiram em um estado plenamente formado, eles devem ter sido criados por alguma inteligência onipotente ...” (Futuyma, 1983, p. 197).

Futuyma e Watson focalizam de maneira clara a controvérsia existente. O assunto resume-se a ter fé ou na Evolução (como advoga Watson), ou no claro ensinamento das Escrituras, que afirmam: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1).

Watson, entretanto, opõe-se ao ponto de vista de Donald Ary, de que a Ciência é meramente

uma teoria para a explicação dos fenômenos. Watson, e muitos outros, elevam a Teoria da Evolução ao patamar de Ciência factual. E fazem isso apesar da Teoria da Evolução não ser capaz de manifestar sua capacidade de explicar e predizer fenômenos de maneira confiável. ⁽¹⁾

Por advogar a aceitação plena da Teoria da Evolução, os limites e a capacidade da Ciência, em termos de explicação, estendem-se a um novo domínio – a Ciência desloca-se para o domínio da Metafísica e da fé. A razão dada por Watson para tal guinada em direção à fé baseia-se tão somente na rejeição da “incrível” concepção alternativa conhecida como Criacionismo. A concepção de mundo científico-evolucionista baseia-se não na verdade, nem mesmo em uma avaliação científica, mas na rejeição da alternativa.

O fato de que a Teoria da Evolução afeta o pensamento no campo de outras disciplinas (e desta forma, a base do conhecimento das pessoas, e a sua formação de uma concepção do mundo) é explicado por Julian Huxley:

“O conceito de evolução logo se estendeu a outros campos, além do biológico. Temas inorgânicos, como a história da vida das estrelas e a formação dos elementos químicos, por um lado, e por

1 O Dr. Walter Brown, em seu livro *In the Beginning* (“No Princípio”), apresenta 127 categorias de evidências científicas que mostram não ser válida a Teoria da Evolução orgânica; que o Universo, o sistema solar, a Terra, e a vida foram criados recentemente; e que a Terra sofreu um dilúvio universal. Essas evidências contradizem a Teoria da Evolução.

outro, temas como *linguística, antropologia social, direito e religião comparados, começaram a ser estudados sob um ponto de vista evolucionista, até chegarmos hoje a encarar a evolução como um processo universal e todo penetrante.*” (Huxley, 1955, p. 272).

Essa universalidade foi advogada por Huxley ao pedir que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) adotasse a Teoria da Evolução como um padrão mundial. Huxley enfatizou isso ao afirmar:

“É essencial para a UNESCO adotar uma abordagem evolucionista ... a filosofia geral da UNESCO parece-me que deveria ser um humanismo científico mundial, global em sua extensão, e evolutivo em sua base. ... Assim, a luta pela sobrevivência que jaz na base da seleção natural é substituída de forma crescente pela seleção consciente, uma luta entre ideias e valores na consciência.” (Huxley, 1979, pp. 35, 36).

Huxley tem o apoio de muitos integrantes da comunidade científica. São cientistas que veem na Teoria da Evolução a explicação final para todas as coisas; assim, a Teoria da Evolução atingiu um “status” divino. Qual é a base para essa conclusão? Ela é subjetiva, porque só existe na mente humana. Relembremos que Watson declarou que a Teoria da Evolução não poderia ser comprovada pelas evidências.

Ao comparar o paradigma criacionista com a Teoria Evolucionista, alguém poderá afirmar que a Evolução lida com fatos, e a Criação com a fé, mas esta é

uma conclusão falsa. A verdade é que ambos os paradigmas estão firmemente fundamentados em certas pressuposições incomprováveis. Ambas as explicações devem ser aceitas pela fé. No Criacionismo, as pressuposições aceitas pela fé baseiam-se nas Sagradas Escrituras. Por exemplo, o autor da Epístola aos Hebreus declarou: “Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3). No paradigma evolucionista as pressuposições de fé são baseadas em ideias e conjecturas provenientes da mente humana.

A realidade de que a Teoria Evolucionista se baseia na fé encontra apoio de pessoas que aceitam tanto a concepção de mundo teísta cristã, como a concepção evolucionista. Por exemplo,

“O fato da evolução constitui a espinha dorsal da Biologia, e assim a Biologia se encontra na posição peculiar de ser uma ciência baseada em uma teoria não comprovada – e então será ela uma Ciência ou uma fé? A crença na Teoria da Evolução é, portanto, exatamente paralela à crença na Criação especial – ambas são conceitos que os que nelas creem sabem ser verdadeiros, mas, até agora, nenhum deles foi capaz de ser comprovado.” (Matthews, 1971, p. xi).

Planck, em apoio à concepção criacionista afirmou:

“Qualquer pessoa que tenha participado da construção de um ramo da Ciência está bem ciente, pela sua experiência própria, que qualquer esforço nessa direção é dirigido por um princípio despre-

tensioso, mas essencial. Esse princípio é a fé – fé que olha para a frente. Diz-se que a Ciência não tem ideias preconcebidas; pois não há nenhum dito que tenha sido tão completamente, ou mais desastrosamente mal compreendido. É verdade que cada ramo da Ciência deve possuir uma fundamentação empírica; mas é igualmente verdade que a essência da Ciência não consiste dessa matéria prima, mas da maneira como ela é utilizada. A matéria prima é sempre incompleta ... e deve portanto ser completada, o que deve ser feito mediante o preenchimento de vazios; e isso por sua vez é feito mediante associações de ideias. E as associações de ideias não são obra do entendimento, mas o resultado da imaginação do investigador – uma atividade que pode ser descrita como fé, ou mais cautelosamente, como uma hipótese de trabalho. (Planck, 1936, citado por John E. Silvius, 1985, pp. 6-7).

Se a Teoria Evolucionista é baseada na fé, e a Teoria Criacionista também, o que pode tornar uma delas mais verdadeira do que a outra? As evidências proveem a chave.

Raízes da concepção evolucionista de mundo

A abordagem científica, de acordo com uma concepção de mundo evolucionista, está construída sobre a integração da indução com a dedução. Este método científico atual é atribuído por alguns a Charles Darwin (Ary, 1990). Os seus esforços para conseguir conhecimento e desenvolver a Teoria da Evolução levaram-no a essa aborda-

gem científica peculiar. Em uma carta escreveu Darwin:

"Meu primeiro caderno de anotações (sobre a evolução) foi iniciado em julho de 1837. Trabalhei de conformidade com os verdadeiros princípios de Bacon, e sem qualquer teoria colecionei fatos em uma escala ampla, mais especialmente com relação à produção de espécies domesticadas, mediante preenchimento de formulários impressos, conversação com criadores e agricultores experientes, e ampla leitura. Quando vejo a lista de livros de todos os tipos que li e resumi, incluindo séries completas de revistas e anais, surpreendo-me com o trabalho que realizei. Percebi logo que a seleção era a pedra de toque do sucesso humano na produção de raças úteis de animais e plantas. Mas durante certo tempo permaneceu um mistério para mim como poderia a seleção ser aplicada a organismos vivendo em seu estado natural.

Em outubro de 1838, isto é, quinze meses após eu ter iniciado minhas indagações sistemáticas, aconteceu de eu ter lido o livro de Malthus sobre populações, e, estando bem preparado para apreciar a luta pela sobrevivência que se desdobra em toda a parte, pelas minhas prolongadas e contínuas observações dos habitats dos animais e das plantas, imediatamente veio-me à mente que, sob essas circunstâncias, variações favoráveis tenderiam a ser preservadas, e as desfavoráveis tenderiam a ser destruídas. O resultado disso era a formação de novas espécies. Aqui tinha eu finalmente obtido uma teoria com a qual trabalhar." (Darwin, 1899, p. 68).

Não há dúvidas entre os cientistas quanto à seleção natural existir como um mecanismo, e quanto à sua operacionalidade. A questão é, na realidade, se uma nova espécie pode ou não ser produzida a partir de outras existentes, como suposto teoricamente por Darwin. A resposta parece ser um retumbante não! As evidências são inexistentes nesse ponto da história. Vários cientistas preeminentes também chegaram a essa conclusão. Por exemplo, o Dr. Colin Patterson declara:

*"Não há dúvida de que a seleção natural é um mecanismo, e que ela opera. Isso tem sido repetidamente demonstrado pela experiência. Não existe qualquer dúvida quanto à sua atuação. A questão a respeito de se ela produz ou não novas espécies é um outro assunto completamente diferente. Ninguém jamais produziu uma espécie mediante o mecanismo da seleção natural. Ninguém jamais mesmo se aproximou de tal fato, e a maior parte da argumentação do Neo-Darwinismo gira em torno dessa questão: como se origina uma espécie, e se a seleção natural parece estar perdendo sua força, e mecanismos aleatórios de um ou outro tipo passam a ser invocados."*²

Escrevendo sobre as famosas experiências com as mariposas, Matthews declara:

"As experiências mostram os efeitos predatórios sobre a sobrevivência das formas escuras e

normais da mariposa (em Inglês: "peppered moth") em um ambiente limpo e em outro poluído pela fumaça. As experiências demonstraram a seleção natural (ou a sobrevivência do mais apto) em ação, mas não mostraram a evolução em desenvolvimento, pois embora as populações possam alterar a sua proporção de formas claras e escuras, todas as mariposas permaneceram, do princípio ao fim, Biston betularia" (Matthews, 1971).

A ideia de Darwin a respeito de "variações favoráveis e desfavoráveis" representou um afastamento do princípio da indução de Bacon. Sua ideia foi logo intitulada "seleção natural". Sua argumentação a favor da seleção natural é de caráter dedutivo, como pode ser visto, por exemplo, sob a forma do silogismo seguinte:

1. Os seres vivos se reproduzem (premissa maior),
2. Os seres vivos apresentam variações,
3. Essas variações podem ser favoráveis ou desfavoráveis (premissa menor), e
4. Portanto, variações com efeitos favoráveis serão bem sucedidas, e as desfavoráveis serão destruídas, o resultado sendo mudanças (conclusão).

Geralmente, se as premissas são verdadeiras, as conclusões serão necessariamente verdadeiras. Entretanto Darwin efetuou um "salto" em sua lógica, concluindo que haveria mudanças de uma espécie em outra. O problema que se levanta é: onde estão as evidências a favor de tal conclusão? Esse tem sido o pon-

² Entrevista dada pelo Dr. Colin Patterson sobre o tema do Cladismo, na televisão da BBC, em 4 de março de 1982. O Dr. Patterson é paleontologista no Museu de História Natural, em Londres, Inglaterra.

to crucial e o foco de muito esforço desenvolvido pelos cientistas evolucionistas por mais de 130 anos. E qual tem sido o resultado de suas pesquisas?

O registro fóssil não oferece resposta alguma. Ele é um registro de “*estases*”, que constituem ausência de mudança, e não as mudanças preditas por Darwin. E existem, na realidade, “fósseis vivos” que aparecem hoje com as mesmas formas que tinham supostamente há milhões de anos atrás. Essas estases são confirmadas por autoridades evolucionistas notáveis, como Stephen J. Gould, que afirma:

“A *estase* é hoje reconhecida como um curioso enigma pelos evolucionistas. Não se vislumbra nenhuma solução à vista, embora os geneticistas e embriologistas tenham introduzido esse conceito. Agrada-me que a nossa difamada profissão (a enfadonha paleontologia descritiva) tenha provido tal enigma para embaraçar os reis das considerações teóricas.” (Gould, 1991, p. 16).

E Gould lança mais luz sobre o assunto ao admitir que o registro fóssil se adapta melhor ao modelo criacionista:

“Nossa capacidade para classificar tanto as espécies vivas como as fósseis distintamente e utilizando os mesmos critérios, adapta-se de maneira esplêndida aos princípios criacionistas. E como poderia uma divisão do mundo orgânico em entidades discretas ser justificada por uma Teoria da Evolução que proclama mudanças incessantes como o fato fundamental da natureza?” (Gould, 1979, p. 18-26).

As evidências, na verdade, adaptam-se a um modelo criacionista. Bilhões de fósseis altamente complexos, tais como corais, medusas, moluscos, e crustáceos são encontrados nas camadas sedimentares do Cambriano, sem um único traço das tão necessárias formas de transição exigidas pelo Darwinismo.

Darwin tinha outro objetivo além de somente provar que a seleção natural existiu. Ele estava interessado em mostrar que Deus não era parte do processo. Isso é afirmado por Julian Huxley, que diz:

“Darwin destacou que não era necessário nenhum planejador sobrenatural; desde que a seleção natural poderia ser responsável por qualquer forma de vida, não havia espaço para um agente sobrenatural na evolução ... e podemos dispensar inteiramente qualquer ideia de uma mente sobrenatural sendo responsável pelo processo evolutivo.” (Huxley, 1979, p. 45).

A maior parte dos cientistas evolucionistas modernos, mesmo na ausência de evidências, insistem em ver a teoria como um fato estabelecido, e o fundamento para toda a Ciência. Observem-se, por exemplo, as palavras de Pierre Teilhard de Chardin:

“A evolução é uma teoria, um sistema, ou uma hipótese? Ela é muito mais do que isso: é uma condição geral à qual todas as teorias, todos os sistemas, todas as hipóteses devem curvar-se perante ela, e devem satisfazê-la se desejarem ser consideradas concebíveis e verdadeiras. A evolução é uma luz que ilumina todos

os fatos, uma curva que todas as linhas de pensamento devem seguir.” (Chardin, 1965, p. 218).

Purves e Orians colaboram para focalizar a discussão de forma concisa:

“A *Biologia* (e todas as outras grandes disciplinas do pensamento ocidental) iniciaram uma grande mudança de paradigma há pouco mais de um século, com a aceitação geral da Teoria da Evolução de Darwin, pela ação da seleção natural. Essa mudança requereu um tempo prolongado porque exigiu o abandono de muitas componentes de uma concepção de mundo distinta. O mundo pre-Darwinista era considerado como recente, e os organismos vivos que nele vivem tinham sido criados essencialmente em sua forma atual. O mundo darwinista é considerado como bastante antigo, ... e nele não seriam reconhecidos os organismos vivos do futuro se fôssemos transportados para o tempo futuro, nem os organismos do passado se fôssemos transportados para o tempo passado. A aceitação desse paradigma envolve não somente a aceitação do processo da seleção natural; envolve também a aceitação do ponto de vista de que o mundo vivo está continuamente evoluindo, mas sem quaisquer “objetivos” futuros. (Purves e Orians, 1987, p. 19). Purves e Orians afirmam abertamente que a decisão com relação à origem da vida é baseada em uma escolha. Pela rejeição do ponto de vista criacionista com Deus como Criador, aceita-se a evolução como “Deus”.

Outros autores têm escrito sobre esse “Deus” encontrado de

novo, em termos os mais vívidos. Por exemplo, Jeremy Rifkin escreve:

“A Evolução não mais é vista como uma questão independente da mente, mas bem pelo contrário ... hoje se considera a ideia do Universo como uma mente que supervisiona, orchestra e dá ordem e estrutura para todas as coisas. Não mais nos sentimos como hóspedes em casa de alguém, e portanto compelidos a nos comportar de conformidade com um conjunto de regras cósmicas pré-existentes. Agora a criação é nossa. Nós fazemos as regras. Nós estabelecemos os parâmetros da realidade. Nós criamos o mundo. E porque assim fazemos, não mais nos sentimos presos a forças externas. Não mais temos de justificar nosso comportamento, pois nós somos os arquitetos do Universo. Não somos responsáveis por nada fora de nós, pois nós somos o reino, o poder e a glória para sempre.” (Rifkin, 1983, pp. 188 e 244).

Rifkin nos ajuda a reconhecer muitos dos tópicos que realmente estão por detrás da aceitação da Teoria da Evolução como concepção de mundo. Ele abertamente afirma que a evolução dá ordem ao Universo. Essa afirmação é feita sem nenhuma evidência por pequena que fosse.

Em seguida, Rifkin torna claro que esse “deus da mudança” afeta o comportamento e as crenças. Ele alega que os absolutos do Deus dos criacionistas (regras pré-existentes) não são relevantes. E então declara quem faz as regras – o homem. De maneira clara o Humanismo é a sua religião por escolha. Em um ato fi-

nal de blasfêmia, ele afirma que não existe nada fora da mente humana.

Esta argumentação contra um padrão objetivo externo à mente humana é descabida. Ao se aceitar essa argumentação, segue-se logicamente que a verdade só pode ser estabelecida na mente humana. Essa é a essência do que ele está dizendo. Isso leva ao absurdo, pois entre os bilhões de pessoas que habitam o planeta, qual seria detentora da verdade? Com essa linha de raciocínio, percebemos o tema crucial – deve haver uma verdade objetiva externa à mente do ser humano. Essa verdade existe, e é encontrada na pessoa de Jesus Cristo, o Criador.

A verdadeira base para a formação da concepção de mundo

Na realidade foram pensadores criacionistas (pensando de conformidade com os pensamentos de Deus), e não Charles Darwin, que estabeleceram a base da Ciência moderna. Esses homens incluem uma verdadeira galeria de famosos cientistas. Entre eles se encontram Louis Pasteur (1822-1895), Isaac Newton (1642-1727), Johannes Kepler (1571-1630), Robert Boyle (1627-1691), James Clerk Maxwell (1831-1879), Michael Faraday (1791-1867), Carolus Linnaeus (1707-1778), Lord Kelvin (1824-1907), e Gregor Mendel (1822-1884).

Os fundamentos que esses homens lançaram já estavam postos muito antes de Darwin e seu famoso livro de 1859, “A Origem das Espécies”. Deve também ser

observado que os frutos do trabalho de muitos desses homens são de muito maior “importância científica” do que a não comprovada Teoria da Evolução de Darwin. Dentre a sua notável contribuição científica encontram-se as seguintes: a escala de temperaturas absolutas de Lord Kelvin, a lei da biogênese de Pasteur, o sistema de classificação de Linnaeus, a lei da atração universal de Newton, e o método científico de Bacon. Isso é apenas uma amostra das realizações de homens que basearam seus pensamentos na Palavra de Deus.

Esses homens estabeleceram princípios limitadores para a Ciência, encarando-a como evidentemente limitada por fatores como os seguintes:

1. Os sentidos, resultando assim a Ciência com fundamento empírico;
2. O entendimento de que existe ordem no Universo;
3. A natureza quantitativa das medidas;
4. A natureza corretiva com base nas replicações, e
5. Causa e efeito, ou a Lei da Causa Primeira.

Desta forma, aqueles homens lançaram os fundamentos para uma concepção de mundo útil, baseada no Criacionismo sobrenatural. John Silvius esclarece a maneira pela qual o Criacionismo sobrenatural se insere na formação de uma concepção de mundo:

“Com base na fé em uma revelação objetiva de Deus, os cristãos podem conceber a realidade situada além dos sentidos, e fazer juízos racionais que modelam a sua visão de um Deus soberano, Sua

criação, e Seus propósitos e poder mantenedor. Esta epistemologia é a base para uma visão cristã do mundo e da vida, ou seja, da concepção de mundo.” (Silvius, 1985, p. 5).

Por outro lado, o pensamento de Darwin com relação à Teoria da Evolução causou uma mudança de paradigma e uma posição que não foi centralizada em Deus. Essa mudança levou à moderna concepção baseada na Teoria da Evolução.

A Simetria Crucial de um Paradigma Criacionista

A Ciência pode ser definida como uma estrutura de informações que trata da concepção do cosmos e das relações causais (ou a operação) entre seus aspectos relacionados com a matéria, o tempo e o espaço. A Teologia criacionista, por outro lado, apresenta e verifica o conhecimento de Deus como revelado nas Sagradas Escrituras.

É evidente que a Ciência tem expandido o nosso conhecimento do Universo. Isso pode ser visto a partir do fato de que estamos explorando novos domínios em três frentes – o espaço, o tempo passado, e o tempo presente. A Ciência, assim, nos impele para pensarmos nas coisas que estão além dos nossos sentidos. Começamos a pensar em coisas do espaço sideral, do passado remoto, e do mundo invisível a olho nu. Pensamentos como esses não são estranhos às Escrituras. Àquele que crê é ordenado que dirija a sua mente para as coisas que são de cima (Colossenses 3:2), e Cristo é apresentado como quem criou todas as coisas (mesmo as

que são invisíveis) (Colossenses 1:16). Somos também instados a lembrar do Criador e das coisas que Ele criou. Este tipo de raciocínio requer que pensemos nas coisas do passado (Gênesis 1-11).

Sem uma base como esta para perscrutar novos domínios, a Ciência está dirigindo nossos pensamentos para o campo da especulação. E isso é verdade porque a Ciência não pode se desenvolver em um vazio. Algum contexto forçosamente surgirá da exploração dos dados obtidos. Algumas hipóteses deverão ser feitas para traduzir os dados em conhecimento.

O método científico apoia duas hipóteses básicas:

1. A verdade pode ser atingida através da observação, e
2. Os fenômenos se conformam a relações que têm o caráter de leis.

Como o método científico se apoia em observações (o uso de nossos sentidos), o cientista deve ter fé em que os seus sentidos estão lhe dando um quadro acurado do mundo natural. Fica claro, portanto, que “a Ciência requer fé”, baseada na primeira hipótese anterior.

A segunda hipótese leva à mesma conclusão, porque “um cientista deve ter fé” em que exista ordem no Universo, e que ele poderá descobrir essa ordem inerente. Neste ponto da argumentação torna-se claro que deve existir algo para além do ser humano. Claramente não foi o homem que impôs ordem ao Universo. A explicação dada para essa questão pela concepção de mundo evolucionista seria que a

ordem surgiu da matéria a partir da qual o Universo foi formado. Isso incorre em um círculo vicioso, pois nos leva a questionar a respeito de qual teria sido a fonte da própria matéria.

A concepção de mundo de uma pessoa baseia-se em um sistema de crenças que exige fé em algum objeto ou coisa que é externa à pessoa que mantém a sua concepção de mundo particular. A verdade, assim, é externa à mente humana e, portanto, é objetiva. Essa verdade objetiva não é dependente do ser humano para a sua validade, o que é consistente com o ensinamento das Escrituras (Romanos 1:17-20; Hebreus 11:3).

A ideia de tal padrão objetivo provoca a pergunta “O que é a verdade?”. A passagem da Epístola aos Romanos, acima citada, tem a ver com a resposta dada pelos não-crentes à questão da verdade: “*porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou ... porquanto, tendo conhecimento de Deus não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato*”. Esta passagem ensina que, embora o homem saiba que Deus existe, ele nega as evidências da criação por causa de sua natureza rebelde. Esta rebelião e esta negação deixa o descrente “sem excusas” ou sem defesa (Romanos 1:20).

Em contraste, o Cristão é encorajado a examinar cuidadosamente a realidade (I Tessalonicenses 5:21). É encorajado a estudar e compreender a Terra e o Univer-

so. O Cristão confia em que a verdade pode ser conhecida.

A Ciência, por si só, é incapaz de criar uma concepção de mundo para a humanidade. Por limitar o conhecimento à mente subjetiva, não há maneira pela qual a Ciência possa avaliar a si mesma, ou pela qual possa criar uma estrutura explanatória para si mesma. Contrariamente, o Criacionismo constrói uma concepção de mundo externa ao ser humano, e então usa ativa e obediientemente as evidências científicas para explorar a operação científica dos mistérios do Universo. 🌐

Referências

- Ary, D., 1990. Introduction to Research in Education. Holt, Rinehart, and Wiston. Orlando, FL, pp. 4-9.
- Brown, W., 1990. In the Beginning. Center for Scientific Creation. Phoenix, AZ.
- Darwin, F. (Editor), 1899. The Life and Letters of Charles Darwin. Appleton, New York, 1:68.
- De Chardin, P., 1965. The Phenomenon of Man. Harper and Row, New York.
- Futuyma, D., 1983. Science on Trial. Pantheon Books, New York, p. 197.
- Gould, S. J., 1979. A quahog is a Quahog. *Natural History*, 88(7):18-26.
- , 1991. Opus 200. *Natural History*, 100 August):16
- Huxley, J., 1955. Evolution and Genetics. What is Science. Simon and Schuster, New York.
- , 1960. Issues in Evolution. Sol Tax (Editor). University of Chicago Press, p. 45.
- , 1979. A New World Vision. *The Humanist* 39:35-36.
- Matthews, H., 1971. Introduction to Darwin's The Origin of Species. J. M. Dent and Sons, London, p.xi.
- Morris, H., 1989. The Long War Against God. Baker Book House, Grand Rapids, MI.
- , 1984. Men of Science, Men of God. Master Books, San Diego, CA.
- Newman, J. R. (Editor), 1955. What is Science?. Simon and Schuster, New York. Ver especialmente a página 272, capítulo 8, "Evolution and Genetics", por J. Huxley.
- Patterson, C., 1982. On the Object of Cladistics, em uma entrevista na BBC, 4 de março).
- Planck, M., 1936. The Philosophy of Physics. W. W. Norton, New York.
- Purves, W., e G. H. Orians, 1987. Life: The Science of Biology. Sinauer Associates. Sunderland, MA.
- Rifkin, J., 1983. Algeny. Viking Press, New York.
- Silvius, J., 1985. Biology: Principles and Perspectives. Kendall/Hunt Publishing, Dubuque, IA.
- Sire, J., 1976. The Universe Next Door: A Guide to Worldviews. Inter-varsity Press. Downers Grove, IL.
- Watson, D. M., 1929. Adaptation. *Nature* 123:233.

DOUGLAS FUTUYMA

Futuyma graduou-se como bacharel em ciência pela Universidade Cornell, e teve seu mestrado e Ph.D. pela *University of Michigan*.

Foi professor de Ecologia e Biologia Evolutiva nesta última Universidade, em Ann Arbor, e depois professor de Ecologia e Evolução, com distinção, da Universidade de Stony Brook.

Escreveu obras didáticas largamente utilizadas, como "Biologia Evolutiva" e "Science on Trial: The Case for Evolution", uma introdução para a controvérsia entre as ideias criacionistas e evolucionistas.

